



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

ANTÔNIA NEVES DE OLIVEIRA XAVIER

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Diagnosticando
as dificuldades ocorridas no espaço escolar

ITAPORANGA – PB
2014

ANTÔNIA NEVES DE OLIVEIRA XAVIER

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Diagnosticando as
dificuldades ocorridas no espaço escolar**

Monografia apresentada ao curso de especialização Fundamentos da educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Alex da Silva

ITAPORANGA – PB
2014

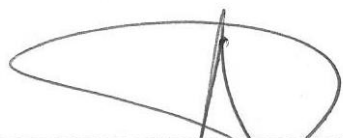
ANTÔNIA NEVES DE OLIVEIRA XAVIER

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Diagnosticando as
dificuldades ocorridas no espaço escolar**

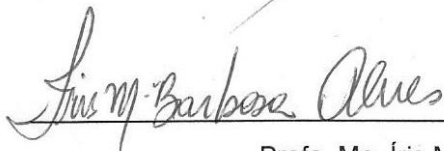
Monografia apresentada ao curso de especialização Fundamentos da educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 07, 06, 2014.

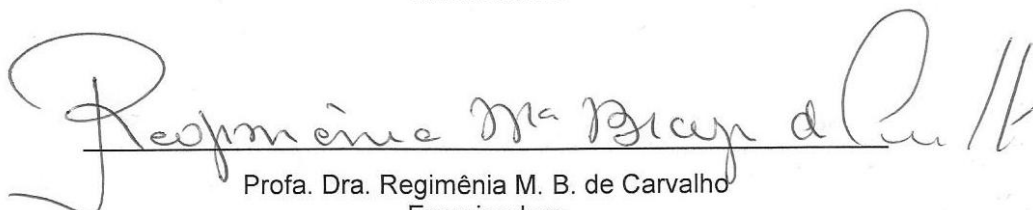
Banca Examinadora



Prof. Dr. Alex da Silva
Orientador



Profa. Me. Íris Maria Barbosa
Examinadora



Profa. Dra. Regimênia M. B. de Carvalho
Examinadora

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

X3e Xavier, Antônia Neves de Oliveira
Educação de jovens e adultos [manuscrito] : diagnosticando as dificuldades ocorridas no espaço escolar / Antônia Neves de Oliveira Xavier. - 2014.
40 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2014.
"Orientação: Alex da Silva, Departamento Educação".

1. Educação. 2. Jovens. 3. Adultos. 4 Desafios. I. Título.
21. ed. CDD 374

*A Deus, aos meus pais, meu marido e filhas,
pelo amor e companheirismo abundante,
DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais, irmãos, ao meu esposo Roberto por sempre estar ao meu lado incentivando na busca pelos estudos e realização de sonhos.

As minhas filhas Luana, Luênnya e Laysa que são minha vida. Ao meu filho do coração Luan que aprendi a amar como se fosse meu.

A minha irmã do coração Delma, que em momentos corridos de minha vida sempre esteve apta a me ajudar.

As minhas amigas, em especial Albina que caminhou junto comigo, compartilhando as alegrias e sofrimentos desse momento árduo de pós-graduação.

Aos meus mestres e em especial meu orientador Alex que se mostrou deveras prestativo quando eu já não enxergava mais saída em busca de orientação para o meu trabalho.

Enfim, agradeço a todos que de uma maneira ou de outra contribuíram para a conclusão desse trabalho, meu muito obrigada!

“Não se discriminam indivíduos e grupos com base em suas diferenças; ao invés disso, a enunciação da própria discriminação constrói a forma e o caráter da ‘diferença’ e produz as interpretações através das quais a diferença é mediada e julgada” (MCLAREN, 2000, p. 293).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a evolução histórica e os direitos adquiridos pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, e as dificuldades enfrentadas por esse método de ensino em sala de aula, demonstrando situações e desafios vividos no dia a dia pelos alunos que comportam essa modalidade de ensino, os motivos que os fazem abandonar e regressar aos estudos, e destacar as possíveis soluções para as dificuldades encontradas, levando em consideração o papel do professor e as políticas públicas destinadas ao EJA.

Palavras chaves: Educação; Jovens; adultos; Desafios.

ABSTRACT

This paper aims to present the historical evolution and entitlements suffered by Youth and Adults (EJA) in Brazil, and the difficulties faced by this method of teaching in the classroom, demonstrating situations and challenges faced on a daily by students who behave this type of education, the reasons that make them leave and return to their studies and highlight possible solutions to the difficulties encountered, taking into account the role of teacher and public policies aimed at adult education.

Keywords: Education; young people; adults; Challenges.

LISTA DE SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUNDEB	Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.
LDB	A Lei de Diretrizes e Base da educação nacional
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A ALFABETIZAÇÃO DO JOVEM E ADULTO NO BRASIL.....	13
2.1 Processo histórico da política de alfabetização.....	13
2.2 Os alunos da educação de Jovens e Adultos.....	16
2.3 Paulo Freire e o ensino do Jovem e Adulto no Brasil.....	18
3 A FORMAÇÃO ÉTICA E POLÍTICA DO ENSINO JOVENS E ADULTOS.....	20
3.1 As divergências na aplicabilidade do ensino Jovem e Adulto.....	20
3.2 O papel do alfabetizador no sistema de ensino EJA.....	23
3.3 A formação ética e política na educação de jovens e adultos.....	25
4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIAGNOSTICANDO AS DIFICULDADES OCORRIDAS NO ESPAÇO ESCOLAR.....	27
4.1 OS Desafios do EJA.....	29
4.1.1 Trabalho x cansaço físico.....	29
4.1.2 Problemas familiares.....	30
4.1.3 A falta de auto-estima.....	30
4.2 Ações que favorecem a superação dos desafios no EJA	32
4.2.1 Trabalhos desenvolvidos em grupo.....	33
4.2.2 Dinâmica com jogos e brincadeiras.....	33
4.2.3 Demais recursos utilizados.....	34
4.3 Motivos que levam o aluno EJA a retomarem a vida escolar.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Cada ser humano traz consigo suas histórias e suas raízes, cada sujeito possui motivos que os levaram a se afastar e/ou retornar a sala de aula. Ao regressar ao ambiente escolar, muitos desses alunos encontram dificuldades em seguir um certo ritmo de aprendizagem, visto isso, diante dos obstáculos encontrados por eles, muitos desistem de seguir o aprendizado antes mesmo de saberem os motivos que dificultam a busca pelo conhecimento.

Com o mundo cada vez mais globalizado em que o conhecimento é algo imprescindível à educação humana, e com o surgimento de novas vagas dentro do mercado de trabalho, vários sujeitos de diversas faixas etárias resolvem regressar aos estudos, seja por necessidade ou apenas para alimentar o conhecimento.

Ao retornarem a sala de aula, muitos desses alunos acabam encontrando dificuldades em acompanhar os conteúdos expostos pelo professor, e por esse motivo acabam desistindo rapidamente de prosseguir com os estudos, muitas vezes sem ao menos saberem as razões que impedem o aprendizado.

Várias são as dificuldades encontradas para se tornar efetivo o Ensino dos Jovens e adultos no Brasil. Apesar dos avanços históricos e dos direitos conquistados ao longo dos anos, esse ensino encontra dificuldades em sua expansão, apresentando diversos desafios a ser superados.

O presente trabalho tem por escopo principal diagnosticar algumas dificuldades surgidas no ambiente escolar, e os desafios enfrentados para tornar o EJA um sistema de ensino de destaque no Brasil, para isso, é necessário entender a educação de Jovens e adultos a partir de um contexto histórico, saber quem são os alunos que compõem essa modalidade de ensino, e destacar a importância de Paulo Freire no contexto atual da Educação de Jovens e adultos no país, abordados no primeiro capítulo.

Em sequência, o segundo capítulo destaca a importância de se analisar a Educação de Jovens e Adultos sobre o aspecto ético e político, a fim

de se compreender a necessidade de se investir em melhorias estruturais, e na valorização do professor para se ter um ensino de qualidade e formação de pessoas éticas capazes de lutar por seus direitos, sabendo que o papel do professor é fundamental para a construção do cidadão de bem que desperte em si seu lado crítico e reflexivo através dos ensinamentos passados em sala de aula.

Por fim, segue-se a pesquisa e análise das dificuldades encontradas em sala de aula na aplicação da Educação de Jovens e adultos, saber quais os motivos que levam os alunos a desistirem de continuar estudando e as razões que os fazem retomar a vida escolar, levando em consideração a vida particular desses indivíduos, os desafios por eles enfrentados no dia-a-dia e os reflexos que trazem para os estudos.

Em todo o texto foi utilizado uma visão psicopedagógica, utilizando-se do método indutivo, para na conclusão, fazer uma análise geral das dificuldades encontradas por alunos e professores no EJA, a fim de compreender os motivos que fazem os alunos desistirem e retomarem aos estudos, e o que se deve ser feito para superar esses desafios.

2 A ALFABETIZAÇÃO DO JOVEM E ADULTO NO BRASIL

Antes de adentrar ao tema central deste trabalho é necessário entender em síntese o processo histórico da política de alfabetização no Brasil, buscando compreender os motivos que levaram a exclusão de pessoas do processo educacional e as dificuldades encontradas pelas mesmas.

Para isso, é necessário fazer uma viagem ao tempo para que se possa entender o processo histórico de alfabetização no Brasil, da educação dos jovens e adultos, tendo por premissa os ensinamentos de Paulo freire, conhecedor assíduo da educação de Jovens e adultos, tema objeto deste estudo.

Visto isso, passa-se a expor um estudo breve sobre a história dos jovens e adultos no Brasil, e as dificuldades de aprendizagem á época.

2.1 Processo histórico da política de alfabetização

Desde o período da Colonização portuguesa no Brasil, a educação já se era constante na vida das pessoas que ali habitavam. Os índios são exemplos de como a educação se fazia presente desde aquela época, apesar de restrita apenas aos conhecimentos do catolicismo doutrinados pelos catequeses.

Graças a iniciativa de grandes educadores, durante o início da alfabetização no Brasil muitos sujeitos já foram beneficiados, tanto que Lopes e Sousa (2010, p. 03), destaca:

Inicialmente a alfabetização de adultos para os colonizadores, tinha como objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, os índios pudessem ser catequizados e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem cumprir as tarefas exigidas pelo Estado.

A primeira Lei geral que regulamentasse de forma clara a Educação no Brasil surgiu no período Imperial (em 1827). Essa lei, segundo Fabrício

Monteiro Neves (2003, p. 15), objetivava criar um sistema educacional composto por Escolas elementares, secundárias e superiores.

O autor ainda destaca que foi nos cursos oferecidos pelo Arsenal de Guerra do Recife, em 1840, que surgiu o ensino das primeiras letras aos adultos. Buscando ampliar o processo de ensino e alfabetização desses adultos, atendendo o maior número possível de analfabetos, criou-se em 1869 escolas noturnas para aqueles que não tinham tempo de dedicar-se aos estudos durante o dia, já que a maioria dessas pessoas eram trabalhadores, essas escolas ainda davam oportunidades para aqueles que só poderiam estudar durante os domingos e no período de verão, criando, para isso, escolas temporárias e ambulantes.

Apesar da iniciativa ser bastante proveitosa, ainda era insuficiente, por isso diversos educadores da época lutavam pelo ampliamto dessas escolas e principalmente pelo melhoramento na qualidade do ensino brasileiro. Todavia, a fragilidade dos problemas sociais no Brasil e as diferenças entre classes eram evidentes, tornando o processo de ampliação escolar difícil, pois só as famílias que detinham de melhores condições teriam o prazer de estudar.

Entre os anos de 1945 e 1947, vários educadores lutaram pela instalação de projetos educacionais voltados para as pessoas do jovem e adulto, tanto que em 1947 a UNESCO aprovou um plano de campanha educacional de adolescente e adulto, de iniciativa de Lourenço Filho, defensor incessante da educação de jovens e adultos no Brasil.

Nessa mesma época (em 1949), foi realizada na Dinamarca primeira Conferência Internacional de Ensino de Jovens e adultos. Com essa conferência, a educação voltada para adultos passou a ser referência no modelo escolar, transmitindo não só o conhecimento de ler e escrever, mas virtudes de ordem moral e social, pois, apesar das dificuldades sofridas no período da 2ª guerra mundial, o apoio ao ensino de jovens e adultos contribuiu para resgatar a paz e principalmente o respeito aos direitos humanos.

O ensino no Brasil, inicialmente, acontecia de acordo com os interesses dos que governavam em cada época, e de acordo com suas necessidades iam alfabetizando grupos específicos de pessoas entre eles: Índios, colonos, escravos, e etc.

Os movimentos educacionais formulados por aqueles que buscavam erradicar o analfabetismo no Brasil, ajudavam a ampliar de forma geral a busca pela educação e pelo conhecimento. André Gustavo Cosme dos Anjos (2007, p 02), em seu artigo voltado para o ensino de Jovens e Adultos, destaca:

Segundo Freire apud Gadotti (1979, p. 72) nos anos 40 do século passado, a Educação de Adultos era entendida como uma extensão da escola formal, principalmente para a Zona rural. Já na década de 50, a Educação de Adultos era entendida como uma educação de base, com desenvolvimento comunitário. Com isso, surgem, no final dos anos 50, duas tendências significativas na Educação de Adultos: a Educação de Adultos entendida como uma educação libertadora (conscientizadora) pontificada por Paulo Freire e a Educação de Adultos entendida como educação funcional (profissional).

Só a partir da década de 70 foi que o ensino Brasileiro tomou maior destaque. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (conhecido como MOBRAL) buscava atingir pessoas menos desenvolvidas no meio socioeconômico. Todavia, apesar de ser um marco na educação Brasileira, o MOBRAL ainda não seria o método mais adequado para elevar o ensino entre os brasileiros, por isso havia necessidade de expansão dessa ideia, exaltando o posicionamento Freiriano ao se tratar do ensino no Brasil.

Segundo Januzzi (1979), o objetivo do MOBRAL era formar um ser humano capaz de compreender ordens e informações, um sujeito que entenda o que é questionado, mas que não seja um questionador, o poder de questionar cabia a elite e portando o povo deveria apenas obedecer. Em resumo, essa educação serviria apenas para capacitação de mão de obra, seria apenas uma educação funcional.

Somente em 1985 o MOBRAL foi extinto, mediante a ampliação de novos posicionamentos a respeito da educação no Brasil. A “Nova República” criou a “Fundação Educar” que veio retirar as limitações trazidas pelo Movimento Brasileiro, oferecendo experiências inovadoras de educação básica de jovens e adultos, utilizando, para isso, os ensinamentos postulados por Paulo Freire.

Apesar de inovadora, a Fundação Educar se extinguiu rapidamente, ficando em vigor até 1990. Somente em 2002, a Educação de Jovens e Adultos é retomada como projeto social de iniciativa da primeira dama Ruth Cardoso (COSTA, 2009).

Só no governo de Fernando Henrique Cardoso foi que o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), foi repassado para os Estados e Municípios, mas ficaram um pouco esquecidos já que o EJA não fazia parte do FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), e não recebiam incentivos do governo Federal. Depois de muito tempo o EJA foi incluído no FUNDEB (Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica), que substituiu o antigo FUNDEF, mas os recursos destinados ainda continuavam a serem mínimos.

No governo seguinte, presidido por Luiz Inácio Lula da Silva, a importância dada ao Ensino de Jovens e Adultos continuou no mesmo ritmo, todavia, no segundo ano de governo, as secretarias estaduais e municipais passaram a receber um percentual maior de recursos, com um diferencial, esse trabalho passou a ser direcionado aos pobres, apesar ainda ser precária (COSTA, 2009).

Apesar da batalha assídua dos educadores em favor da alfabetização dos Jovens e Adultos no Brasil, essa modalidade de ensino ainda é precária e não é o foco da educação básica no país. Porém, é necessário uma iniciativa maior do Governo em relação as pessoas que necessitam da amplitude desse projeto, que é tão importante quanto o ensino básico destinado à crianças na idade regular de ensino.

Explorado, em síntese, a visão histórica da alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil, é necessário conhecer quem são esses alunos, e a importância desse ensino na vida dessas pessoas que buscam o saber, assunto a ser abordado no tópico a seguir.

2.2 Os alunos da educação de Jovens e Adultos

Como já visto, a educação de jovens e adultos no Brasil ocupa um espaço reduzido na ordem da educação escolar, e que apesar da luta de vários educadores que defendem a educação no EJA, essa realidade ainda não é satisfatória e enfrenta inúmeras dificuldades.

O aluno EJA se traduz naquele que não teve tempo de se dedicar aos estudos em tempo hábil, mas não limita-se apenas a esse contexto. Diferente das crianças, que iniciam os estudos desde cedo, esses alunos

tiveram motivos para abandonar os estudos, e apesar da vasta experiência de vida que carregam, ainda retornam a escola em busca de aprender.

E, em sua maioria, os alunos que regressam as escolas são pobres, habitantes da zona Rural ou de áreas menos favorecidas, que retornam ao ambiente escolar por diversos motivos, sejam para ingressarem no mercado de trabalho, para aprender apenas a ler e escrever, e muitos só querem aprender a escrever seu próprio nome.

Sobre esse assunto destaca Marta Kolh Oliveira (2001, p. 16):

(...) não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos. (...) (...) E o jovem, (...) não é aquele com uma história de escolaridade regular, vestibulando ou aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. (...)

A Lei de Diretrizes e Base da educação nacional (LDB), em seu art. 37 destaca: 'A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.'

A Lei ainda esclarece que a idade mínima para ingressar ao Ensino de Jovens e Adultos seria de 15 anos para ensino fundamental, e 18 anos para o ensino médio, cabendo ao educador selecionar cada classe.

O aluno adulto é caracterizado por ter mais maturidade, e na maioria das vezes, já tem adquirido independência financeira. São os mais aceitos pelos professores, por entenderem que a relação com pessoas adultas enseja maior respeito a figura do professor, pelo próprio grau de maturidade que já carregam e, também, por questão cultural.

Os Jovens, todavia, pelo próprio fervor da idade, apresentam características típicas em sala de aula, como por exemplo, conversam demais, não obedecem aos professores, não fazem as tarefas repassadas em sala de aula e etc. No entanto, o educador deve levar em consideração as dificuldades enfrentadas por esses jovens que não tiveram oportunidade de se dedicarem aos estudos quando deveriam, tendo uma realidade de vida diversa dos outros jovens da mesma idade deles, e que carregam, mesmo com a pouca idade, a vida de um adulto.

Cabe ao professor, sabendo das diferenças que o aluno jovem e adulto traz consigo, atentar com as dificuldades de cada um. O ritmo de aprendizagem são diferentes, a impaciência, a inquietude e a vontade de aprender se manifesta diferente em cada um desses sujeitos, mas a união dos mesmos pode ser muito enriquecedor para o aprendiz.

Ferrari e Amaral (s/a. p.1), esclarece:

A Educação de Jovens e Adultos apresenta hoje uma identidade que a diferencia da escolarização regular e essa diferenciação não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade sócio-histórico-cultural.

O fato é que, ao regressarem ao ambiente escolar, o aluno EJA encontra inúmeras dificuldades nos estudos, pois passaram anos sem ter acesso mínimo à educação, além de serem alvos de indiferença e preconceitos, oriundos da própria sociedade.

Por isso, o papel do professor é fundamental ao o reingresso desses alunos ao ambiente escolar, cabendo a ele analisar a necessidade de cada um e escolher a melhor maneira de levá-los o conhecimento.

Não há como se falar na história do ensino de Jovens e Adultos no Brasil e todas as dificuldades encontradas ao longo dos anos para o implemento dessa modalidade de ensino, sem mencionar Paulo freire como maior defensor.

Por isso, aborda-se no tópico a seguir, um pequeno resumo de quem foi Paulo Freire e a importância que ele trouxe para a educação de Jovens e adultos no Brasil.

2.3 Paulo Freire e o ensino do Jovem e Adulto no Brasil

Paulo Freire foi o mais célebre educador brasileiro, que sempre lutou pela mudança social através da educação. A educação de Jovens e Adultos no país não seria a mesma sem a sua ótica, foi ele o mentor de um dos maiores projetos educacional que inspira programas sociais de educação até os dias de hoje.

Paulo Freire nasceu em Recife-PE, no ano de 1921, cresceu em família humilde, o que o inspirou a ajudar os mais necessitados, e levou seu conhecimento filosófico em favor da educação para diversos países.

Uma das suas maiores preocupações era defender os analfabetos, alvos de constantes preconceitos, pois entendia que os mesmos eram portadores e produtores da cultura, mas eram alvos de grandes representações na época.

Vanilda Pereira Paiva (1987, p. 121), destaca que:

Sua larga sobrevivência em torno de uma concepção “filantrópica” e “humanitarista” da educação, apoiada numa visão deformada da realidade social, na qual a educação aparece como causa de todos os problemas, demonstra o quanto suas posições teóricas encontravam eco nos setores que a promoviam e o quanto estava difundido (e as campanhas ajudaram a fortalecer) o preconceito contra o analfabeto.

Paulo Freire tinha como papel principal libertar os sujeitos da ingenuidade, do preconceito social, procurava despertar o censo crítico nessas pessoas. Stephanou e Bastos (2005, p. 269) traduziam os ensinamentos de Freire ditando que “deve-se valorizar o analfabeto, como alguém capaz de produzir conhecimentos e que a educação deveria ter um caráter de diálogo e não ser resumida a uma relação cliente – banco”.

Segundo o próprio Paulo Freire (2000, p. 121):

A educação passa a ter sentido ao ser humano porque o seu existir se caracteriza como possibilidade histórica de mudanças. “Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também ser possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio.

Com isso, Paulo Freire tornou-se utópico, permanecendo no centro de grandes debates internacionais sobre educação. Acreditou sempre na capacidade do povo de recriar a educação em busca de uma sociedade mais justa, enaltecendo, cada vez mais, a educação do jovem e adulto no País e no mundo, mostrando a importância de valorizar aqueles que por motivos alheios a sua vontade não puderam se dedicar aos estudos no momento oportuno.

Diante de todos os ensinamentos deixados por Paulo Freire, destacava-se o fato de que a Educação de Jovens e Adultas necessitava

sempre andar ao lado da ética e das políticas públicas destinadas ao ensino, pois não há como formar escola sem que haja condições para investir em seus alunos e professores. Essa questão será vista no tópico a seguir.

3 A FORMAÇÃO ÉTICA E POLÍTICA DO ENSINO JOVENS E ADULTOS

A educação de jovens e adultos (EJA) é um meio de educação básica que procura atingir pessoas que por motivos particulares não puderem, em época regular, buscar o aprendizado na via escolar, e por isso é tão importante como qualquer outra forma de ensino da educação básica.

Apesar disso, como ora relatado, essa forma de ensino ainda encontrada muitas dificuldades em sua execução e ampliação do ponto de vista pedagógico, passa-se, portanto, a expor um breve levantamento a fim de evidenciar as divergências aplicas nesse ambiente escolar, levando em consideração o lado ético e político.

3.1 As divergências na aplicabilidade do ensino Jovem e Adulto

São vários os fatores que distanciam o ensino brasileiro no segmento Jovem e adulto atualmente, entre eles, não há como não falar da qualidade dos profissionais habilitados para trabalhar com essas pessoas, além do investimento mínimo nos recursos didáticos e a falta de métodos de ensino que sejam propícios a esses alunos, apesar da importância que esse ensino tem para a educação brasileira, já que é o motivador para reparar as desigualdades causadas aos alunos evadidos do ensino regular.

A educação básica se amplia cada vez mais, principalmente pela obrigatoriedade da criança estar na escola e os demais programas do governo que obrigam a permanência do aluno na escola para obter seus subsídios. Com isso, o período médio de permanência do aluno na educação básica seria de 8 (oito) anos, que é a média obrigatória, porém diante das dificuldades encontradas na vida social e/ou na vida escolar boa parte dessas alunos

acabam prorrogando esse período, permanecendo na educação básica quando já deveriam estar cursando o ensino médio.

Partindo dessa premissa, a educação de jovens e adultos acaba sendo o único meio de inclusão social para os alunos que estão fora do sistema regular de ensino e por isso requer meios mais especializados para que se tenha um ensino de qualidade.

O ensino direcionado ao aluno jovem e adulto deve estar dentro de um padrão mínimo e também estar sintonizado com o ambiente social em que o aluno vive, é necessário que haja condições para que esses alunos possam desenvolver suas próprias ideias, para entender aquilo que lhe é repassado em sala de aula, refletindo sua vida social, cultural, e o meio em que vive.

A Lei de Diretrizes Básicas da Educação em seu art. 26, estabelece que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade.

Ainda sobre esse tema Paulo Freire (2000) destaca:

a prática pedagógica necessita estar vinculada aos aspectos históricos e sociais para facilitar a compreensão e elucidação das questões que realmente importam para os envolvidos no processo educativo, para ele se não ocorre uma reflexão sobre si mesmo, sobre seu papel no mundo, não é possível ultrapassar os obstáculos que o próprio mundo impõe, por isso a ação do professor, tendo ele consciência ou não, estimula o aluno à libertação ou à opressão.

Nesse sentido, há de se verificar a importância do educador no processo de ensino do jovem e adulto, devendo incentivar os alunos a despertarem seu lado crítico observando a realidade em que vivem, por isso, o aprendiz do EJA deve estar em harmonia com seu meio social, cabendo ao professor o papel de desenvolver técnicas em sala de aula que permita a ampliação desse aprendizado.

A harmonia entre alunos e professores também é fundamental para expandir esse aprendizado, juntamente com o meio social em que vivem, já que o processo de aprendizagem desses alunos não se limitam apenas a ler e escrever, sendo necessário despertar o olhar crítico em cada aluno, como ora

explanado, para ter uma educação mais prestativa. Tanto que Paulo Freire (1980,p.28), em uma de suas obras aduz: "Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos".

É fato que não há que se igualar o conhecimento de um aluno com o de um professor, mas o que Paulo Freire prega é que não há saberes iguais, mas saberes diferentes, que podem ser ensinados de diversas formas, passando de professor para aluno ou de aluno para professor, não devendo esse saber mais reprimido ser ignorado.

Em um país onde o analfabeto é alvo de diversos preconceitos, a ausência de escolaridade não pode servir de premissa para diminuir a pessoa que não teve oportunidade de estudos, omitindo sua capacidade de aprendizagem. DURANTE (1998, p.24) nos ensina:

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele se dita cartas para que um alfabetizado escreva..., se pede alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma letrado, por que faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

É notório as divergências na aplicação do ensino jovem e adulto no Brasil, principalmente no que tange ao lado do professor, pois a ele cabe a transmissão do aprendizado para o seu alunado. Muitos desses alunos procuram à escola por pretenderem aprender, não se limitando apenas a ler e a escrever, mas a despertar um olhar crítico a respeito do mundo que o cerca, para isso é necessário que o professor esteja apto a repassar esse ensino especializado.

O público que procura o EJA já é, por si só, um grupo especial, que dispõe de uma vida com dificuldades, são agricultores, pescadores, donas de casas, pedreiros, e por isso o alfabetizador tem que estar preparado para receber esses alunos portando um material didático que vá englobar essas divergências na sala de aula, para que haja, cada vez mais, melhorias na aprendizagem desse grupo. Por isso, é necessário demonstrar a importância do

alfabetizador no ensino jovem e adulto assegurando a aprendizagem desses alunos.

3.2 O papel do alfabetizador no sistema de ensino EJA

O fato do analfabetismo ser um grande problema enfrentado pela sociedade brasileira e o preconceito que essa classe sofre, é de se destacar que o professor do jovem e adulto tem que estar qualificado para assumir esse cargo.

O professor, além de ter domínio sobre os métodos aplicados em sala de aula, tem que servir de incentivador para que esses alunos não desistam de seguir sua carreira escolar. É necessário que haja efetiva capacitação desses profissionais e que os mesmos estejam comprometidos com seus alunos por carecerem de uma orientação especial.

O aluno que procura o retorno ao estudo já o faz por buscar uma inclusão no meio social, seja por oportunidade de emprego, seja apenas por vontade de aprender a ler e escrever, ou repensar com mais sabedoria o mundo em que vive, e essa busca por esse conhecimento não será eficaz se o educador não estiver apto a enxergar o aluno EJA em sua essência diante das dificuldades de ordem social e cultural que enfrentam.

Cada sala de aula possui características próprias definidas pela presença do seu alunado. Para o professor ter domínio sobre a aprendizagem a ser alcança por esses alunos é necessário que haja um conhecimento especializado baseados na maneira em que vivem e o mundo social que os cercam. Cabe, portanto, ao gestor educacional gerar condições propícias para os professores repassarem, de uma melhor forma, o aprendizado a esses alunos.

Para que isso ocorra, é necessário que haja incentivo para os professores, melhorando o espaço escolar, aumentando os recursos financeiros e cedendo melhores condições de ensino. Essas ações e melhorias no ambiente escolar são essenciais para uma melhor formação do aluno jovem e adulto, possibilitando a ampliação e o avanço no ensino e em conseqüência uma maior valorização e interesse por parte dos alunos do EJA.

Ninguém é analfabeto por opção, são diversos os fatores que impedem as pessoas de buscarem o ensino regular, as dificuldades que passam ou passaram ao longo de suas vidas acabam por afastarem do ambiente escolar, e o fato de não saberem ler ou escrever termina por excluir socialmente essas pessoas, gerando diversas formas de preconceito.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de analfabetismo no Brasil (2013) é de 8,7 % da população total com 15 anos ou mais de idade, e apesar de ter diminuído se comparado com os anos anteriores, essa taxa ainda é muito alta.

Anjos (2007) destaca:

O analfabetismo, comum até o século XIX, continua a desafiar a educadores, gestores e poderes políticos no Brasil, porque passou a ser inaceitável um flagelo que deveria ser eliminado em todas as culturas. Se o conceito de analfabetismo do IBGE abrangesse todas as questões relativas ao domínio da leitura e da escrita, o Brasil estaria na fase final de superação da problemática. O termo analfabeto funcional passou a caracterizar a todos aqueles que tiveram acesso à escolarização. Nesse caso, os índices são muitos maiores, já que dois terços da população brasileira maior de 15 anos não têm as oito séries do Ensino Fundamental, nível de escolarização que a Constituição garante como direito a todos.

Para amenizar o índice de analfabetismo no Brasil, é necessário investir em políticas públicas, principalmente no incentivo para que essas pessoas procurem uma escola e ali permaneçam, proporcionando melhorias no ambiente escolar e a qualificação de professores nessas áreas, para que se desenvolva uma relação de companheirismo e confiança entre eles, enaltecendo o papel do professor na vida desses alunos.

Carranos (2007) esclarece a respeito do tema que:

Ao dialogar como educadores, abre-se a totalidade do processo educativo do qual a escola e seus sujeitos são partes indissociáveis. O papel do professor é despertar a curiosidade, indagar a realidade, problematizar, ou seja, transformar os obstáculos em dados de reflexão para entender o processo educativo, que, como qualquer faceta do social, está relacionado com seu tempo, sua história e seu espaço.

O papel do professor é de extrema importância na formação do aluno EJA, pois esses alunos carecem de um ensino mais especializado por já

ingressarem na escola carregando consigo inúmeras dificuldades ligadas a sua vida particular, cabendo ao alfabetizador estreitar os laços sociais, incentivando esses alunos a buscarem, cada vez mais, a aprender, usando da ética, disciplina e comprometimento. Por isso, a ética e política devem ser consideradas ao tratar do fato, e é o que se passa a demonstrar no próximo tópico.

3.3 A formação ética e política na educação de jovens e adultos

A formação ética é imprescindível na educação dos alunos de forma geral, essa formação é indispensável a vida das pessoas que pretendem viver em harmonia, respeitando sua própria dignidade e a dignidade dos outros que vivem em seu meio, tanto que para Freire e Kant a educação não pode se restringir apenas ao treinamento, para eles educação é um processo de formação do ser humano como um todo.

A formação do caráter desses alunos deixou de ser uma vontade e passou a ser uma opção, para Gadotti (1995): “A educação de Jovens e Adultos possui uma temática formativa cujo tema central é a pedagogia tradicional, por isso que alguns pedagogos progressistas lhe deram nova roupagem.”

Já para Paulo freire (2000), a vontade só é considerável na vida dos sujeitos que conhecem seus limites. A educação da vontade acaba por fazer com que esses alunos confrontem seus próprios limites, e o ensino do jovem e adulto vem para libertar-los da opressão e da escravidão dos seus desejos, que os impedem de tentar buscar o conhecimento.

Para Kant, a educação de vontade é central, pois liberta esses sujeitos da coação externa e os garante autonomia. Complementa:

Como a formação é imprescindível para que o homem seja livre, a educação de jovens e adultos, torna-se necessária para a promoção da autonomia. A auto-responsabilização requer uma educação da vontade neutra. Em tempos em que se está optando por vigiar em vez de formar, propõe-se apostar no ser humano, em sua possibilidade de ser autônomo e auto-responsabilizar-se. Ademais, propõe-se ainda, uma valorização da educação de jovens e adultos como uma das coisas necessárias para uma educação democrática, para uma educação em que os sujeitos possam fazerem-se com autonomia e reconheçam a dos demais como legítima.

Atualmente, com a nova visão dos tempos, as questões morais e éticas procuram formar um cidadão que compreenda os seus direitos e deveres, buscando, com isso, a formação de um sujeito ético, que entenda seus valores, razões e despertem um olhar crítico para o meio em que vivem.

Ética, no Plano Nacional de Educação (1998, p.24) está assim definida:

A ética é um eterno pensar, refletir, construir. E, na escola, sua presença deve contribuir para que os alunos possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensar e julgar, para problematizar constantemente o viver pessoal e coletivo, fazendo o exercício da cidadania.

Mas, por mais que o ensino ao jovem e adulto procure despertar essa visão crítica, formando seu caráter com base na moral e nos bons costumes, haverá sempre falhas na relação entre alunos e professores, pois, essa formação de caráter dar o livre arbítrio aos alunos de formarem suas próprias opiniões, e por isso podem ir de encontro as vontades do educador.

A formação ética educacional está intrinsecamente ligado ao cunho político, ambos são imprescindíveis na formação da educação do EJA. Não há como falar em educação sem mencionar a política, é por intermédio da política que as ações sociais são realizadas a fim de melhorar e intensificar cada vez mais o EJA.

Kant, segundo Philonenko (1966), assevera que a educação é indissociável da política, pois acaba por ser o mais poderoso meio de ação na história, permitindo que o ideal humano seja alcançado. Becker (1998, p, 48), seguindo a visão de Paulo Freire sobre política e educação, destacou em sua obra: "Freire pensou a educação como um fazer político que transcende a sala de aula e se projeta para os grandes problemas vividos pela humanidade, sobretudo os problemas gerados pelas diferentes formas de opressões".

A visão de Paulo freire (2000), era trabalhar a questão ética-política na educação de jovens e adultos como forma de combater a realidade injusta a que são submetidas, pois essa realidade acaba por oprimir e desumanizar, deixando esses alunos submissos, devendo ser superada.

Para Freire (2000), o processo pedagógico é algo extremamente político, sendo impossível visualizá-los de forma distinta. A política é o caráter social da formação da consciência, devendo estar vinculado ao método de construir o aluno EJA.

Diante das dificuldades encontradas para construir o Ensino do jovem e adulto é necessário atingir essa visão ética e política que atravessam o sistema EJA e que é imprescindível para formação desse tipo de educação. A educação de jovens e adultos tem por fundamento formar pessoas que despertem em si a razão, a relação vivida entre alunos e professores no ambiente escolar deve trazer consigo o aprendizado, o despertar para o novo, a democracia, a consciência, para que se desenvolva uma sociedade mais justa, em que todos tenham os mesmos direitos e oportunidades.

Todavia, a realidade ainda é deveras instigante e são inúmeras as dificuldades encontradas no espaço escolar. A Educação de Jovens e Adultos, apesar da extrema importância na vida dessas pessoas ainda busca o seu lugar ao sol, onde a questão ética e política deixa a desejar nesse contexto e as dificuldades encontradas para sua ampliação ainda são imensas.

No próximo tópico serão destacadas as principais dificuldades encontradas por esses alunos no espaço escolar e as possíveis soluções a serem adotadas para efetivar o sistema ético-político imprescindível a valorização da educação, principal tema deste trabalho.

4. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIAGNOSTICANDO AS DIFICULDADES OCORRIDAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Como ora já visto o processo de alfabetização de jovens e adultos em termos legais obteve alguns avanços. A Constituição Federal de 1988, nossa lei maior, reconheceu a importância do ensino para o jovem e adulto, elegendo em seu texto que a garantia:

[...] de educação básica, para os jovens e adultos das camadas populares; inserção orgânica da educação de jovens e adultos no sistema de ensino do país; a locação de dotação orçamentária para o desenvolvimento dos serviços educacionais para jovens e adultos no

conjunto do sistema nacional de ensino; construção da identidade própria da educação de jovens e adultos; garantia de habilitação e profissionalização dos educadores de jovens e adultos; exercício da gestão democrática na educação de jovens e adultos.

No mesmo contexto, a Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB 9.394/96), complementou a importância do ensino Jovem e adulta para a educação brasileira definindo-a como: “a educação destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Aduzindo, ainda, em seu art. 4º, VII:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola.

Ainda em seu art. 37, essa mesma Lei garante que “o Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. Diante do que fora relatado, a Lei garante o direito daqueles que por motivos peculiares deixarem de ingressar na vida escolar em tempo hábil, assegurando o ingresso desses alunos na escola, mas esquecendo de investir em meios que os façam permanecer e encarar seriamente os estudos.

Na maioria das escolas que comportam o sistema de ensino EJA, o índice de evasão é bastante elevado, e os que costumam freqüentar a escola não fazem de maneira assídua. São vários os motivos que contribuem para o afastamento desses alunos na escola e muitas vezes não há muito o que se fazer para evitar esse problema.

Para Naif (2005, p. 402):

[...] a escola muitas vezes encontra dificuldades para compreender as particularidades desse público, no qual os motivos que os levam à evasão, ainda no início da juventude, e as motivações que envolvem sua volta à sala de aula são informações preciosas para quem lida com a questão. Deixá-los escapar leva à inadequação do serviço oferecido e a um processo de exclusão que, infelizmente, não será o primeiro na vida de muitos desses alunos.

De fato, boa parte das escolas que oferecem esse tipo de ensino não utilizam de políticas públicas para estimular a permanência desses alunos na escola, tanto em infra estrutura, quanto na valorização do professor e da metodologia aplicada. Segundo Morales (2000, p.56) afirma que “um ambiente de segurança, de paz, de confiança é necessário para aprender e internalizar o que vai aprendendo”.

Os recursos utilizados para ministrar as aulas são, em sua maioria, precários, comportando pouquíssimo material didático e condições de ensino, não havendo uso de tecnologia em sala de aula, que de certa forma, seria uma forma convidativa para focar o aluno em aula.

Além desses problemas enfrentados pelo sistema EJA, diversos são os desafios encontrados pelos os alunos que buscam o ingresso e principalmente sua permanência em sala de aula. No tópico a seguir serão explanas alguns dos desafios encontrados por esses alunos a fim de entender melhor as dificuldades por eles enfrentadas.

4.1 Desafios do EJA

Como já demonstrado, o índice de analfabetismo no Brasil, apesar de ter reduzido ao longo dos tempos ainda é bastante preocupante. Porém, os desafios enfrentados pelo EJA vão além disso, a grande maioria desses indivíduos estão conformados com a realidade em que vivem e não manifestam qualquer interesses de freqüentarem a escola, ou simplesmente não enxergam um futuro para eles na educação.

Mesmo para aqueles que decidem enfrentar a rotina escolar os desafios são inerentes. Na sala de aula, são diversos os fatores que contribuem para evasão escolar, entre eles: O trabalho que já os consomem fisicamente, problemas familiares, a falta de incentivo, e a baixa estima se apresentam como elementos negativos para o desenvolvimento escolar no aluno EJA. Passa, portanto, a expor cada um desses desafios para melhor compreensão da temática abordada.

4.1.1 Trabalho x cansaço físico

Em estática geral, os alunos EJA são pessoas que compreendem uma faixa etária de mais de 25 anos, e que dependem do trabalho para viver e sustentar suas famílias, e que muitas vezes, esse é o fator que os fazem procurar os estudos tardiamente, pois a necessidade de subsistência fala mais alto.

A rotina daqueles que trabalham não é fácil, principalmente para quem não tem estudo, já que se presume um labor mais pesado. Estudar e trabalhar, portanto, acaba sendo tarefa difícil na vida dessas pessoas, e o cansaço acaba por atrapalhar seu rendimento em sala de aula, ou muitas vezes, acaba por fazerem desistir dos estudos. Para Raposo (2003, p. 67): “O acréscimo da atividade escolar à jornada de trabalho traz uma grande sobrecarga ao aluno [...]”.

Essas pessoas geralmente trabalham o dia todo e só tem tempo de estudar a noite, e após um dia intensivo de trabalho é natural que cheguem a escola cansados, onde o rendimento nos estudos acabam sendo mínimos.

Apesar da vontade de estudar, de buscar um futuro melhor, o cansaço do trabalho acaba atrapalhando a escolha desses alunos, e a batalha entre o esforço de querer aprender e o cansaço acabam sendo desleal e muitos desses alunos desistem de prosseguir na carreira escolar.

4.1.2 Problemas familiares

Outro problema costumeiro e causador do afastamento dos alunos EJA da escola são os problemas dentro do seio familiar. O aluno EJA é o pai, a mãe, o irmão, o filho mais velho, e em sua maioria responsáveis pela ordem e manutenção da família.

Problemas financeiros, entre pais e filhos, entre marido e mulher, e entre os demais membros da família, acabam influenciado na vida escolar dessas pessoas e fazendo com que muitos desistam de estudar.

4.1.3 A falta de auto-estima

O aluno EJA são pessoas que não tiveram tempo ou oportunidade de se dedicarem a escola em tempo hábil e por isso resolvem retomar aos

estudos em busca de melhoria, aprendizado, de um futuro melhor. Mas, ao retornar a escola enfrentam outros problemas que acabam desestimulando ou afastando o aluno do meio escolar, como as condições a que são submetidos dentro de sala de aula, a distância da escola de sua residência que utilizam meios de transportes precários quando o tem, a falta de investimento e recursos próprios para melhoria do ensino, falta de incentivo da família e etc.

Esses alunos ao chegaram na escola carregam consigo diversos problemas externos que influenciam em seu aprendizado e no entrosamento entre os demais colegas e professor, demonstrando fragilidade. Com essa carga emocional que trazem consigo, acabam por não conseguirem adaptar ao ambiente escolar e em consequência desistindo de permanecerem.

A Proposta Curricular (2001, p. 43) para a Educação de Jovens e Adultos esclarece:

A imagem que os educandos têm da escola tem muito a ver com a imagem que têm de si mesmos dentro dela. Experiências passadas de fracasso e exclusão normalmente produzem nos jovens e adultos uma auto-imagem negativa. Nos mais velhos, essa baixa auto-estima se traduz em timidez, insegurança, bloqueios. Nos mais jovens, é comum que a baixa auto-estima se expresse pela indisciplina e auto-afirmação negativa (“se não posso ser reconhecido por minhas qualidades, serei reconhecido por meus defeitos”). Em qualquer dos casos, será fundamental que o educador ajude os educandos a reconstruir sua imagem da escola, das aprendizagens escolares e de si próprios.

Diante dessas dificuldades, esses alunos acabam por não acreditarem em seu potencial, o medo de aprender, o medo de errar, de perguntar, de tirar dúvidas e interagir em sala de aula, resulta no afastamento desses alunos do corpo escolar, tornando-os inseguros e incrédulos quanto ao seu aprendizado.

Além das dificuldades apresentadas, são inúmeros os problemas que torna o ensino para jovens e adultos um desafio para a educação. As políticas públicas são criadas para buscar o melhoramento da sociedade e trazer ao aluno EJA possibilidades de aprender com dignidade e qualidade de ensino, mas apesar de existirem no papel não são eficazes na prática.

Para esses alunos, estudar já é uma tarefa difícil, então o governo tem que tomar medidas propícias para facilitar a permanência desses alunos na escola e aumentar o ingresso daqueles que por essas dificuldades não

tiveram a chance de estudar, fazendo ações que favoreçam a superação desses desafios.

Para finalizar esse debate, Raposo (2003, p.63) destaca:

E preciso lembrar sempre que para voltar a estudar o aluno jovem e adulto necessita vencer uma série de barreiras. A primeira é readquirir a crença de que pode aprender, já que muitos deles passaram pelo sistema escolar e deles foram expulsos com o estigma de reprovados. Portanto trabalhar a auto-estima do aluno, valorizando o conhecimento que detém e o que sabe fazer é o primeiro passo nesse sentido.

4.2 Ações que favorecem a superação dos desafios no EJA

Paulo Freire é um grande incentivador da educação do jovem e adulto e apresenta em suas obras diversos fatores que ajudam a favorecer e superar os desafios nessa modalidade de ensino. Para o Autor, o ensino voltado para jovens e adultos deve ser reflexivo, despertando o senso crítico, cabendo ao educador estar apto a desenvolver essa prática.

O professor do EJA em seu papel de educar deve sempre estar atualizado, desenvolvendo técnicas de ensino que visem melhorar a aprendizagem em sala de aula. Freire (2009, p, 29), destaca:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Todo o material levantado em pesquisa pelo professor deve se enquadrar na realidade dos alunos, tendo que abordar temas que façam parte do convívio deles e do mundo em que vivem, pois esses alunos carregam consigo uma grande bagagem de conhecimento, devendo ser melhor aproveitada a fim de aumentar o rendimento dentro do espaço escolar.

O professor deve trabalhar em sala de aula com métodos que levem o potencial desses alunos, que façam enxergar o seu melhor, ultrapassem seus medos e comecem a questionar e se relacionar consigo e com outros, cabendo ao educador incentivar o trabalho coletivo, utilizando-se

de recursos diversos para aumentar a aprendizagem e o potencial desses alunos na sala de aula.

Alguns desses métodos que ampliam o rendimento escolar do aluno EJA e façam com que aumentem o interesse pelos estudos são: os trabalhos desenvolvidos em grupo, dinâmica de jogos e brincadeiras, e demais recursos que intensificam a vontade de permanecerem na escola. Passa-se a expor, em síntese, cada um desses.

4.2.1 Trabalhos desenvolvidos em grupo

O trabalho em grupo é o método utilizado em sala de aula que maior estreita os laços entre os colegas e também entre alunos e professores. É comum na sala do EJA encontrar alunos mais intimistas, com dificuldades de se relacionar com os demais colegas, por isso a importância de desenvolver trabalhos em equipe, pois esse método aproxima e estreita o relacionamento, em que os alunos mais tímidos acabam se soltando mais e interagindo melhor dentro da sala de aula.

Ainda sobre outro aspecto, o trabalho em grupo diversifica o ensinamento e aprendizagem, prendendo mais o aluno em aula e evitando que os alunos desistam de prosseguir com os estudos, evitando, ainda, a monotonia escolar.

4.2.2 Dinâmica com jogos e brincadeiras

Mariana Raposo (2003, p. 67) destaca a importância de aplicar dinâmicas diversas pra incentivar os alunos do EJA e aumentar o interesse pelos estudos, esclarecendo que: “Atividades sócio-culturais e esportivas, integrando a família, a comunidade e a empresa podem ser altamente estimuladoras da permanência do aluno nos sistemas de escolarização [...]”.

O aluno jovem e adulto já dispõe de uma rotina cansativa e a escola deve investir em métodos de ensino que os distraiam um pouco de sua realidade, unindo o conteúdo a ser repassado com jogos e brincadeiras que estimulem o conhecimento.

Momentos alegres e prazerosos entre os alunos fazem com que as aulas ministradas tragam maior rendimento, Ra fazem com que os mesmos acabem enxergando a escola como um ambiente agradável e, com isso, tendem a permanecer mais tempo estudando, pois a escola torna-se um ambiente de distração para esses alunos e não de sobrecarga.

4.2.3 Demais recursos utilizados

É importantíssima a utilização de métodos que procurem aproximar os alunos da escola, fazendo com que os mesmos enxerguem o ambiente escolar como algo prazeroso, aumentando a motivação para permanecer estudando. Didonet (2002, p. 17), entendia que:

[...] a missão da escola é formar para a vida, para a liberdade, para a criação, para o convívio, para usufruir de suas belezas e, para isso, é preciso desenvolver a inteligência, a sensibilidade, a autonomia, a capacidade de dirigir-se por si mesmo e não para moldar as pessoas para serem ovelhas de um rebanho, animais adestrados que depois da escola sabem apenas repetir o que lhes foi ensinado.

O mesmo autor (2002, p. 45), ainda continua o seu pensamento prelecionando que “O uso de “instrumentos” (objetos que se interpõem entre o homem e o ambiente) amplia enormemente a capacidade de atuação [...]”. Com isso, é possível tornar o processo de aprendizagem mais atrativo para esses alunos, com base em diferentes métodos utilizados, tendo em vista que a escola é uma oficina ampla que possibilita pluralidade de conhecimentos e formas de aprendizagens, com intuito de formar seres críticos e reflexivos.

A utilização desses métodos de ensino apresentados serve para estreitar os laços dos alunos com a escola, e fazer com que eles permaneçam mais tempo estudando. A escola passa a ser um ambiente acolhedor servindo como ponto de incentivo e estimulando a busca pelo conhecimento.

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas para a manutenção e instalação do EJA, muitos alunos procuram retomar aos estudos e diversos são os motivos que os levam a optar por regressarem ao ambiente escolar. Passa-se a explanar alguns desses motivos a fim de complementar o tema abordado neste trabalho.

4.3 Motivos que levam o aluno EJA a retomarem a vida escolar

As transformações sociais e a exigência cada vez mais qualificada para o mercado de trabalho, alguns exigindo ao menos um mínimo de conhecimento e leitura básica para concorrerem a vagas, fazem com que diversos alunos que não tiverem tempo para se dedicar aos estudos em tempo regular, acabem retornando a escola.

Apesar de não serem oferecidas condições suficientes para expandir a aprendizagem e incentivar a permanência desses alunos na escola, há uma exigência no mercado de trabalho para que as pessoas possuam no mínimo a educação básica. Delors (2001, p. 102) destaca:

[...], o progresso científico e tecnológico e a transformação dos processos de produção resultante da busca de uma maior competitividade fazem com que os saberes e as competências adquiridos, na formação inicial, tornem-se, rapidamente obsoletos e exijam o desenvolvimento da formação profissional permanente.

Com o mercado de trabalho mais exigente, mesmo para ocupação de cargos que não requer maior grau de escolaridade, os responsáveis pela contratação preferem contratar pessoas que tenha ao menos um conhecimento básico, e mesmo depois de contratados, exigem que os mesmo permaneçam estudando, para que ampliem o seu conhecimento e futuramente possam ter maiores oportunidades.

Delors (2001, p. 103) ainda esclarece: “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”, por isso, outra questão que faz com que os alunos voltem a querer estudar é a realização pessoal, enfrentando todos os preconceitos a eles ligados e encarando o desejo de se escolarizar e se tornar alguém melhor.

Esses alunos enxergam no EJA uma oportunidade ímpar de buscarem o conhecimento e terem um futuro melhor, sabendo que o papel do professor não é apenas ministrar o conteúdo em sala de aula, mas também despertar o senso crítico e reflexivo nesses alunos.

Diante das dificuldades apresentadas para se tornar eficaz o ensino voltado ao jovem e adulto, e apesar da vontade demonstrada pelos alunos de retomarem suas atividades escolares, o ensino EJA ainda deixa muito a desejar em nosso país.

As políticas públicas destinadas ao ensino dos alunos jovens e adultos ainda são pequenas diante de tantos empecilhos encontrados. São escolas que não tem estrutura para acolher esses alunos, não há investimento em material didático, em tecnologia, os professores não se qualificam o suficiente, não diversificam o conteúdo e o método de ensino, o que facilitam a evasão desses alunos da escola, desestimulando a maioria daqueles que desejam retomar aos seus estudos.

A educação no Brasil, de uma forma geral, enfrenta sérios problemas, e o EJA se enquadra nesse contexto. Ainda está longe de se ter uma educação modelo, um olhar mais intenso dos políticos pela educação no país, o que se vê é a desvalorização do professor que acaba sem incentivo algum para dar o melhor de si aos seus alunos. Enquanto nada se resolve, os alunos sonhadores ficam a mercê de um ensino desqualificado, se agarrando em sua própria vontade de vencer na vida, em busca de seu lugar ao sol, sobrevivendo das migalhas do governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado toda a trajetória vivida pela educação de jovens e adultos no Brasil, todos os direitos adquiridos ao longo da história, e os avanços e investimentos (em tese), alcançados por essa modalidade de ensino, o índice de analfabetismo no Brasil, apesar de diminuído se considerado anos anteriores, ainda são alarmantes.

Diversas foram as políticas criadas para erradicar o índice de analfabetismo no Brasil e apesar de eficaz, ainda não são suficientes. O desafio maior não é trazer o aluno a escola, mas fazer com o mesmo permaneça, as maiores dificuldades destacadas é fazer com que os alunos ultrapassem os obstáculos que os impedem de continuarem estudando.

A estrutura das escolas, a falta de material didático, a metodologia utilizado pelos professores em sala de aula, além de fatores externos como o trabalho intensivo, os problemas na família, a falta de auto-estima e incentivos, fazem com que o índice de evasão nas escolas aumente.

É um desafio para o próprio educador manter essa modalidade de ensino, pois quase não há incentivos para que os mesmos se qualifiquem, de forma a atender melhor os ensinamentos do EJA. Cabendo, portanto, ao seu modo tentar investir em metodologias diferentes, incentivando o trabalho em grupo, utilizando dinâmicas diferentes como jogos e brincadeiras, e outros métodos diversos para conquistar os alunos e fazerem com que permaneçam na escola.

Cabe ao professor, ainda, ensinar aos alunos a importância de adquirir o conhecimento, despertando um olhar crítica e reflexivo, mostrando que a educação não serve apenas para encontrar uma vaga no mercado de trabalho, mas também para formar cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres.

Mas, apesar de todos os avanços garantidos para o EJA, essa modalidade de ensino ainda não é prioridade quando se trata de educação. É necessário que haja empenho ético e profissional dos gestores e professores em busca de efetivar os direitos desses alunos.

Não existe uma fórmula exata para aliviar as dificuldades sofridas pelo EJA no espaço escolar, mas uma coisa é certa, cabe ao governo solucionar boa parte dos problemas mencionados, investindo em políticas públicas que venham amenizar todos os empecilhos que entram a vida escolar desses alunos, dando maior subsídio para que possam buscar o sonho de se alfabetizar, de crescer profissionalmente, apesar de todas as dificuldades que carregam.

Os desafios não acabam por aqui, mais e mais surgirão ao longo dos tempos, mas caberá ao aluno e professor paciência e vontade de superar os obstáculos com garra e sabedoria.

REFERÊNCIAS

ANJOS, André Gustavo Cosme. **Os desafios da Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/artigos/134.pdf>>. Acesso em 20 de maio 2014.

BASTOS, Maria (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BECKER, Fernando. **Freire e Piaget em Relação: um ensaio interdisciplinar**. In: Educação e debate, Mauá, ano 1, n. 0, mar. 1998.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil – **Normas Jurídicas em Texto Integral**. Constituição de 1998. Brasília-DF.

_____.Ministério da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular para a Educação para Jovens e Adultos: ensino fundamental – 1º segmento**. 3ª ed. São Paulo/Brasília, 2001.

_____.Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei 9.394. Brasília-DF

_____.**Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em 20 de maio de 2014.

CARRANO. Paulo César Rodrigues. **Identidades Juvenis e Escola**. Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n. 10, nov. 2000.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DIDONET, Vital (Org). **Série SESI Educação do trabalhador**. Vol 09: Freinet, Paulo Freire e Emília Ferreiro. Brasília: SESI/dn, 2002.

DURANTE, Marta. **A alfabetização de adultos – leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 26º Ed. RJ: Paz e Terra, 2002.

_____.Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Vozes, 1985.

_____. **Conscientização – teoria e prática da liberdade**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____.Paulo.**Educação e mudança**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____.Paulo.**Para educadores**. 5. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

_____.Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 31^o ed. RJ: Paz e Terra, 2000.

_____.Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____.Paulo.**Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FERRARI e AMARAL (s/a. p.1) – (m.2)

GADOTTI, Moacir. **A educação contra a Educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

Marta Kolh Oliveira (2001, p. 16): (m. 3)

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre, RG: Artes Médicas Sul, 2000.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: O que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2000.

NAIFF, L. A. M; SÁ, C. P., &Naiff, D. G. M. (2005). Exclusão social nas memórias autobiográficas de mães e filhas [CD-ROM]. In: **Anais da IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais** (pp. 1233-1247). João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba.

_____ (no prelo). **A memória social do Estado Novo em duas gerações no Rio de Janeiro**. Psicologia: Ciência e Profissão.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5^o Ed. São Paulo: Loyola, Ibrades, 1987.

PHILONENKO, Alexis. **Introduction et Notes**. In: KANT, Immanuel. RéflexionssurL'Éducation.Paris: LibrairiePhilosophique J. Vrin, 1966

RAPOSO, Mariana (org). **Guia para a ação alfabetizadora**. Brasília: Sesi, 2003.

SOARES, Leôncio; GALVÃO, Ana Maria. **Uma História de Alfabetização de Adultos no Brasil**. In: STEPHANOU, Maria (org.).

VYGOTSKY. Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.